**Questão 01 - (UniRV GO)**

*“O legado da Grécia à filosofia ocidental é a filosofia ocidental.”* (Bernard Wilians In: Finley M. I. “O legado da Grécia”, 1998). Assinale V (verdadeiro) ou F (falso) para as alternativas.

a) A filosofia moderna ocidental, apesar de ter deixado o pensamento filosófico grego para trás, recupera como princípio básico o legado mítico dos helenos.

b) Os filósofos gregos foram lidos pelos romanos, depois negados pela tradição românica medieval e, posteriormente, recuperados por iluministas como Voltaire e Diderot.

c) Os gregos foram os criadores de quase todos os campos importantes do conhecimento filosófico, como a metafísica, a lógica, a ética e a filosofia política.

d) Os sofistas como Sócrates e Platão, responsáveis pela reprodução de obras no campo da mitologia, consolidaram os princípios da filosofia ocidental e moderna.

**Gab**: FFVF

**Questão 02 - (SANTA CASA)**

O povo não tem sempre o costume assinalado de pôr uma pessoa qualquer à sua frente, fomentando o desenvolvimento da sua grandeza? [...]

É, portanto, evidente que, quando a tirania se origina, é da semente deste protetor, e não de outra, que ela germina. [...]

Porventura não é também assim que aquele que está à frente do povo e que, apanhando a multidão a obedecer-lhe, não se abstém do sangue dos da sua tribo [...]? Acaso para um homem assim não é forçoso, depois disto, e fatal, que pereça às mãos dos seus inimigos ou que se torne um tirano, transformando-se de homem em lobo?

(Platão. *A República*, 1987.)

Platão (428 a.C. - 348 a.C.), em *A República*, identifica os vários tipos de governos e governantes da Grécia Antiga. No texto, caracteriza-se a tirania como

a) uma tendência absolutista comum em Esparta, que valorizava o respeito total aos governantes.

b) uma etapa posterior à democracia, com a ascensão de legisladores dotados de pleno poder.

c) um fenômeno que resultava da relação ambígua entre governantes autoritários e a população.

d) uma forma de governo típica das pequenas cidades gregas, marcada pela irracionalidade dos governantes.

e) uma estratégia de controle oligárquico, que favorecia os interesses das classes nobres da cidade.

**Gab**: C

**Questão 03 - (IFSP)**

“A instituição da escravidão”, segundo Platão, “é necessária porquanto os trabalhos materiais, servis, são incompatíveis com a condição de um homem livre em geral”. A escravidão na Grécia Antiga, assim como em Roma, deve ser caracterizada por

a) inconstância, pois a característica desses povos era a utilização de escravos apenas esporadicamente, sendo que o próprio povo trabalhava na feitura das obras públicas, no campo etc..

b) estrutura socioeconômica, pois esse tipo de trabalho movia as sociedades grega e romana, sendo utilizado desde para os trabalhos nas minas e galés até no trabalho intelectual.

c) espírito guerreiro, pois esses povos tornaram a guerra a sua principal fonte de renda, e a escravidão passou a ser uma consequência inevitável.

d) exceção, pois das sociedades antigas, essas se caracterizam pela quase ausência de mão-de-obra escravista.

e) exclusão, pois aos elementos indesejáveis dessas sociedades era dada a pena da escravidão, tanto aos assassinos como aos traidores e devedores.

**Gab**: B

**Questão 04 - (UEPA)**

Platão:

A massa popular é assimilável por natureza a um animal escravo de suas paixões e de seus interesses passageiros, sensível à lisonja, inconstante em seus amores e seus ódios; confiarlhe o poder é aceitar a tirania de um ser incapaz da menor reflexão e do menor rigor. Quanto às pretensas discussões na Assembleia, são apenas disputas contrapondo opiniões subjetivas, inconsistentes, cujas contradições e lacunas traduzem bastante bem o seu caráter insuficiente.

(Citado por: CHATELET, F. História das Idéias Políticas.
Rio de Janeiro: Zahar, 1997, p. 17)

Os argumentos de Platão, filósofo grego da antiguidade, evidenciam uma forte crítica à:

a) oligarquia

b) república

c) democracia

d) monarquia

e) plutocracia

**Gab**: C

**Questão 05 - (Fac. Cultura Inglesa SP)**

Procurei demonstrar-lhe que ele parecia sábio sem o ser. [...] Então, pus-me a considerar, de mim para mim, que eu sou mais sábio do que esse homem, pois que, ao contrário, nenhum de nós sabe nada de belo e de bom, mas aquele homem acredita saber alguma coisa, sem sabê-la, enquanto eu, como não sei nada, também estou certo de não saber. Parece, pois, que eu seja mais sábio do que ele, nisso – ainda que seja pouca coisa: não acredito saber aquilo que não sei.

(Platão. *Apologia de Sócrates*, 1969.)

A *Apologia de Sócrates* trata da resposta de Sócrates aos seus acusadores no tribunal da cidade de Atenas. No excerto, Sócrates, referindo-se ao diálogo que teve com um indivíduo que se considerava sábio, definiu a filosofia como

a) saber absoluto sobre o mundo terrestre e celestial.

b) definição de beleza artística e de ações virtuosas dos homens.

c) crítica das imperfeições políticas dos regimes das cidades gregas.

d) consciência dos limites do saber humano.

e) comprovação racional da existência dos deuses da cidade.

**Gab**: D

**TEXTO: 1 - Comum à questão: 6**

*Montaigne, um nobre pensador do século XVI, foi um conservador, mas nada teve de rígido ou estrito, muito menos de dogmático. Seu conservadorismo pode ser visto, sob certos aspectos, como o que no século XIX viria a ser chamado de liberalismo. Para ele, o melhor governo seria o que menos se faz sentir e assegura a ordem pública sem pôr em perigo a vida privada e sem pretender orientar os espíritos. Um tal tipo de governo é o que convém a homens esclarecidos, conscientes de seus direitos e deveres e obedientes às leis da pátria e do príncipe, homens que agem não por temor, mas por vontade própria.*

(Do encarte à edição de **Montaigne**.
 Coleção **Os pensadores**. São
Paulo: Abril, 1972, p. 223)

**Questão 06 - (PUCCamp SP)**

No âmbito das formulações acerca do que seria um bom *governo,* a figura do “Príncipe” no século XVI foi teorizada por Nicolau Maquiavel, e fundamentou uma nova doutrina política que propunha a

a) separação entre moral e política, valorizando as estratégias racionais para que o Príncipe reforçasse seu poder e, assim, fortalecesse o Estado.

b) elaboração de discursos messiânicos, salvacionistas, reforçando o poder taumaturgo do rei e a nobreza como eixos do Estado.

c) eleição do Príncipe por assembleias de nobres e plebeus, como forma de popularizar a monarquia.

d) subordinação do Príncipe aos ideais da cavalaria cristã da Idade Média, visando sua aprovação pelos pobres e a expansão da fé.

e) a derrubada das monarquias por meio da escolha nominal de um chefe de Estado que não estivesse ligado às nobrezas feudais.

**Gab**: A

**Questão 07 - (UNIMONTES MG)**

A democracia é a vontade da Lei, que é plural e igual para todos, e não a do Príncipe que é impessoal e desigual para os favorecimentos e privilégios.

(GUIMARÃES, Ulisses. In: Ricardo, Adhemar e Flávio.
*HISTÓRIA*. Belo Horizonte-MG: Lê, 2001. p. 453.)

O pensamento exposto pelo parlamentar brasileiro opõe-se frontalmente ao pensamento de/dos

a) Maquiavel.

b) iluministas.

c) Montesquieu.

d) Bossuet.

**Gab**: A

**Questão 08 - (UERJ)**

Nasce daqui uma questão: se vale mais ser amado que temido ou temido que amado. Responde-se que ambas as coisas seriam de desejar; mas porque é difícil juntá-las, é muito mais seguro ser temido que amado, quando haja de faltar uma das duas. Deve, todavia, o príncipe fazer-se temer de modo que, se não adquire amizade, evite ser odiado, porque pode muito bem ser ao mesmo tempo temido e não odiado; o que sempre conseguirá desde que respeite os bens dos seus concidadãos e dos seus súditos porque os homens esquecem mais depressa a morte do pai que a perda do patrimônio.

Mas quando um príncipe está com os exércitos e tem uma multidão de soldados sob o seu comando, então é de todo necessário que não se importe de passar por cruel; porque sem esta fama não se mantém um exército unido, nem disposto a qualquer feito.

*O Príncipe*, de Nicolau Maquiavel

Adaptado de www.arqnet.pt

Nicolau Maquiavel foi um pensador florentino que viveu na época do Renascimento. Ele é considerado um dos fundadores do pensamento político moderno e suas ideias serviram de base para a constituição do Absolutismo monárquico.

Identifique no texto duas práticas do Absolutismo monárquico.

**Gab**:

Duas das práticas:

• monopólio do exercício da força

• formação de um exército regular

• respeito às leis fundamentais do reino

• concentração de poder político nas mãos do soberano

**Questão 09 - (UNIRG TO)**

O iluminismo, conforme o pensador alemão Immanuel Kant, “é a saída do homem de sua menoridade, da qual ele próprio é culpado. A menoridade é a incapacidade de fazer uso de seu entendimento sem a direção de outro indivíduo. O homem é o próprio culpado dessa menoridade. A causa dela não se encontra na falta de entendimento, mas na falta de decisão e coragem de servirse de si mesmo sem a direção de outrem.” (Kant, I. O que é ilustração. In: WEFFORT, F. C. (org.). *Os clássicos da* *Política – vol.II*. São Paulo: Ática, 2006, p.84). A visão do filósofo apresenta uma utopia de liberdade, mas também traz um aspecto pessimista. Assinale a alternativa correta que justifica historicamente esta ambiguidade:

a) O movimento iluminista contribuiu grandemente para criticar instituições sociais opressoras, contudo a Revolução Francesa igualmente espalhou o terror e a perseguição injusta.

b) Os pensadores iluministas, ao assumirem a direção política dos reis através do despotismo esclarecido, não reforçaram as instituições educacionais, nem a liberdade dos intelectuais contrários ao regime monárquico.

c) Os filósofos iluministas propuseram valores culturais bonitos para a sociedade, mas seu apoliticismo intelectual impediu que estas propostas fossem concretizadas no “Novo Regime”.

d) O movimento iluminista na Alemanha terminou por apoiar e legitimar a ditadura estabelecida por Bismarck.

**Gab**: A

**Questão 10 - (UNESP SP)**

*Preguiça e covardia são as causas que explicam por que uma grande parte dos seres humanos, mesmo muito após a natureza tê-los declarado livres da orientação alheia, ainda permanecem, com gosto, e por toda a vida, na condição de menoridade. É tão confortável ser menor! Tenho à disposição um livro que entende por mim, um pastor que tem consciência por mim, um médico que prescreve uma dieta etc.: então não preciso me esforçar. A maioria da humanidade vê como muito perigoso, além de bastante difícil, o passo a ser dado rumo à maioridade, uma vez que tutores já tomaram para si de bom grado a sua supervisão. Após terem previamente embrutecido e cuidadosamente protegido seu gado, para que estas pacatas criaturas não ousem dar qualquer passo fora dos trilhos nos quais devem andar, os tutores lhes mostram o perigo que as ameaça caso queiram andar por conta própria. Tal perigo, porém, não é assim tão grande, pois, após algumas quedas, aprenderiam finalmente a andar; basta, entretanto, o perigo de um tombo para intimidá-las e aterrorizá-las por completo para que não façam novas tentativas*.

(Immanuel Kant, *apud* Danilo Marcondes. *Textos básicos de
ética – de Platão a Foucault*, 2009. Adaptado.)

O texto refere-se à resposta dada pelo filósofo Kant à pergunta sobre “O que é o Iluminismo?”. Explique o significado da oposição por ele estabelecida entre “menoridade” e “autonomia intelectual”.

**Gab**:

O filósofo Kant faz nesse texto uma defesa do Iluminismo, movimento intelectual do século XVIII que proclama a maioridade do homem, uma vez conquistado o uso da razão. O Iluminismo foi, assim, um divisor de águas da história da filosofia. Antes, prevalecia uma antropologia da menoridade, em que o homem é entendido como ser insuficiente, frágil ou pecador. Trata-se de um homem incapaz de realizar sua autonomia, devido à sua dependência em relação às instituições políticas e religiosas. A maioridade proclamada pelos iluministas se baseia na valorização da razão como instrumento da emancipação humana, ou seja, à autonomia fundamentada no desenvolvimento da inteligência. E curioso aqui observar a advertência que Kant faz contra a preguiça e a covardia, pois a menoridade confortável coloca o indivíduo numa posição cômoda; o desenvolvimento da razão, portanto, exigiria uma postura corajosa diante da própria vida.